

ARTIGO

ANÁLISE PSICOLÓGICA DA ATIVIDADE PROFISSIONAL DOS JORNALISTAS MARCIAIS



MAKSYM BALAKLYTSKYI

V.N.Karazin Kharkiv National University, Kharkiv – Ucrânia
ORCID: 0000-0001-7977-5594

VALENTYNA KURYLIAK

Ukrainian Institute of Arts and Sciences, Bucha, Kyiv Region – Ucrânia
ORCID: 0000-0001-5245-9700

DOI: 10.25200/BJR.v16n1.2020.1213

Recebido em: 07/03/2019

Revisado em: 08/07/2019

Revisado em: 05/09/2019

Aceito em: 22/11/2019

RESUMO – Este artigo discute a questão das ordens sociais para jornalistas marciais no contexto da Operação de Forças Conjuntas no território da Ucrânia, bem como a crescente e imperiosa necessidade desses jornalistas utilizarem corretamente seus próprios recursos psicológicos sob condições de trabalho estressantes. Faz uma distinção entre jornalismo marcial e militar, revela os componentes principais do aspecto psicológico da atividade profissional dos jornalistas marciais e realiza uma pesquisa substanciada por evidência científica. O jornalismo marcial implica em jornalistas indo a áreas de hostilidade. Já no jornalismo militar, o jornalista pode escrever de outras partes do país onde acontecem as hostilidades. A ênfase é colocada no fato de que os pesquisadores ucranianos não dão atenção à saúde psicológica do jornalista marcial com educação estatal, em contraste com o que acontece com o especialista militar. Os autores enfatizam que as disfunções psicológicas dos jornalistas marciais e dos jornalistas militares surgem por conta da atividade desses especialistas, que monitoram e distribuem uma grande quantidade de informação destrutiva nos meios de comunicação de massa. A psicologia dos jornalistas marciais foi estudada por meio do método de entrevista e se concentrou no perfil psicológico e sociocognitivo de suas personalidades. Distinguiu-se entre os componentes positivos e negativos da profissão e foi sugerida uma lista de ações preventivas para minimizar a influência de suas atividades na saúde psicológica.

Palavras-chave: Jornalista marcial. Perfil psicológico. Componentes positivos e negativos.

PSYCHOLOGICAL ANALYSIS OF MARTIAL JOURNALIST'S PROFESSIONAL ACTIVITY

ABSTRACT – This article addresses the issue of social orders for martial journalists in the context of Joint Forces Operation in the territory of Ukraine, as well as the necessary and growing need for journalists to use their own psychological resources correctly under stressful working conditions. This article draws a distinction between martial and military journalism, reveals the main components of the psychological aspect of a martial journalist's professional activity and delineates research substantiated by scientific evidence. Martial journalism entails the journalist going in the area of hostilities; in military journalism, conversely, the journalist can write from other parts of the country where there are no hostilities. The emphasis is put on the fact that Ukrainian researchers do not pay attention to the psychological health of a martial journalist with state education, in contrast to a military specialist. The authors emphasize that the psychological disfunctions of the martial and military journalists arise because of the specialists who monitor and distribute a large amount of destructive information in the mass media. The psychology of martial journalists was researched using the interviewing method and focused on the psychological and socio-communicative portrait of their personalities. It distinguished between the positive and negative components of their profession and suggested a list of preventive actions to minimize the influence of their activity on their psychological health. **Key words:** Martial journalist. Psychological portrait. Positive and negative components.

ANÁLISIS PSICOLÓGICO DE LA ACTIVIDAD PROFESIONAL DE PERIODISTAS MARCIALES

RESUMEN – Este artículo aborda el tema de las órdenes sociales para periodistas marciales en el contexto de la Operación de las Fuerzas Conjuntas en el territorio de Ucrania, así como la necesidad imperiosa y creciente de que los periodistas utilicen correctamente sus propios recursos psicológicos por las condiciones de trabajo estresantes. Este artículo establece una distinción entre periodismo marcial y militar, revela los componentes principales del aspecto psicológico de la actividad profesional de un periodista marcial y delinea la investigación respaldada por evidencia científica. El periodismo marcial corresponde al periodista que acude al área de las hostilidades; en el periodismo militar, por el contrario, el periodista puede escribir desde otras partes del país donde no hay hostilidades. Se hace hincapié en el hecho de que los investigadores ucranianos no prestan atención a la salud psicológica del periodista marcial con educación general, en contraste con un especialista militar. Los autores enfatizan que las disfunciones psicológicas de los periodistas marciales y militares surgen debido a los especialistas que monitorean y distribuyen una gran cantidad de información destructiva en los medios de comunicación. La psicología de los periodistas marciales fue abordada mediante el método de entrevista y se centró en el perfil psicológico y socio-comunicativo de sus personalidades. Se distingue entre los componentes positivos y negativos de su profesión y se sugiere una lista de acciones preventivas para minimizar la influencia de su actividad en su salud psicológica. **Palabras clave:** Periodista marcial. Perfil psicológico. Componentes positivos y negativos.

1 Introdução

Em agosto de 2015, devido a um conflito armado, o Departamento de Jornalismo Militar foi criado no Instituto Militar da Universidade Nacional de Kiev Taras Shevchenko, na Ucrânia. O Departamento de Jornalismo Militar da Universidade Nacional de Lviv Ivan Franko criou a especialidade “Jornalismo Marcial”. O Dia do Jornalismo Militar foi

instituído como feriado nacional, celebrado pela primeira vez em 16 de fevereiro de 2018 (TCH, 2018). Tudo isso testemunha uma demanda do público por esse tipo de trabalho multimídia.

Pesquisadores desse país estão desenvolvendo uma literatura científica e educacional para treinar os especialistas dessa área. Ao analisar as publicações, é preciso destacar as diferenças semânticas e terminológicas entre jornalismo militar e marcial. “Distinguimos claramente entre o termo ‘jornalista militar’ (o jornalista no serviço militar, treinado, no passado, pela Escola Superior Político-Militar de Lviv, a única existente na antiga URSS), e ‘jornalistas marciais’ (jornalistas civis que vão às zonas de guerra por influência da mídia ou por iniciativa própria), os que vão para ‘zonas de conflito’ para satisfazer as necessidades de informação da audiência”, afirmou Stepan Konstantin (Kost, 2016, p. 302). Para estabelecer uma distinção clara entre as profissões de jornalista militar e jornalistas marciais, apresentamos lado a lado suas competências práticas na Tabela 1.

Jornalistas militares	Jornalistas marciais
Precisam ter uma formação especial em “jornalismo militar”.	Civis, jornalistas, correspondentes, etc. que normalmente não tiveram formação em jornalismo militar.
Fornecem informações para a mídia sobre eventos marciais, independentemente da localização dos quartéis-generais.	Informam os civis por meio da mídia sobre o andamento de um conflito marcial ou armado, apenas a partir da zona de guerra ou “zonas de conflito”.
Nem sempre colocam sua vida em perigo.	Sempre colocam sua vida em risco como resultado de estarem no limite.
Preparam a informação para a mídia, que pode conter uma variedade de conteúdo sobre as vidas e as atividades das unidades militares.	Preparam a informação sobre o andamento de eventos no local de batalha: número de mortos, crimes avançados de guerra, taxa de mortalidade, etc.
A realização de suas tarefas é parte de sua profissão ou do serviço militar, como resultado de terem recebido treinamento educacional como oficial militar.	A busca de informação em área de alto risco por ser motivada pelo desejo de ganhar muito dinheiro, na medida em que a reportagem de guerra é geralmente bem paga também pode ser motivada pelo sentimento patriótico, ou interesse pessoal (hobbies, busca por adrenalina, entre outros, incluindo circunstâncias familiares).

Fonte: os autores.

A maioria dos guias disponíveis, como esperado, se concentra nos trabalhadores das mídias militares – oficiais potenciais que servem

às Forças Armadas da Ucrânia (FAU) (Minochkin, 2006, p. 188). Do ponto de vista dos padrões jornalísticos atuais, as atividades desses especialistas se inserem na definição de propaganda pública e RP da FAU como instituição pública (Zharkov, 2008), e não como jornalismo, definido como fonte independente de informação em benefício da sociedade. A principal tarefa dos trabalhadores das mídias militares é proteger a integridade territorial da Ucrânia, criar uma imagem positiva da FAU e justificar positivamente as intenções e ações dos homens em serviço em conflitos armados, informacionais, entre outros.

Mas nosso interesse é pelo jornalismo marcial na Ucrânia, no trabalho dos jornalistas que vão para as zonas de combate (desde que fiquem na zona sem se unir às tropas), preparando material para publicação em qualquer tipo de mídia (exceto aquelas que pertençam às Forças Armadas da Ucrânia). Dependendo das configurações e valores pessoais, do formato da publicação, e da natureza do que é sublinhado no conflito, os autores dessas matérias podem buscar, por exemplo:

a) se “posicionar acima” do conflito, apresentando fatos sólidos e representando os interesses e reivindicações de todos os lados (Zharkov, 2012);

b) tomar uma posição civil (patriótica) (Kurban, 2016);

c) permanecerem na zona de guerra até o final do conflito, concentrando-se mais no sofrimento e nas perdas civis.

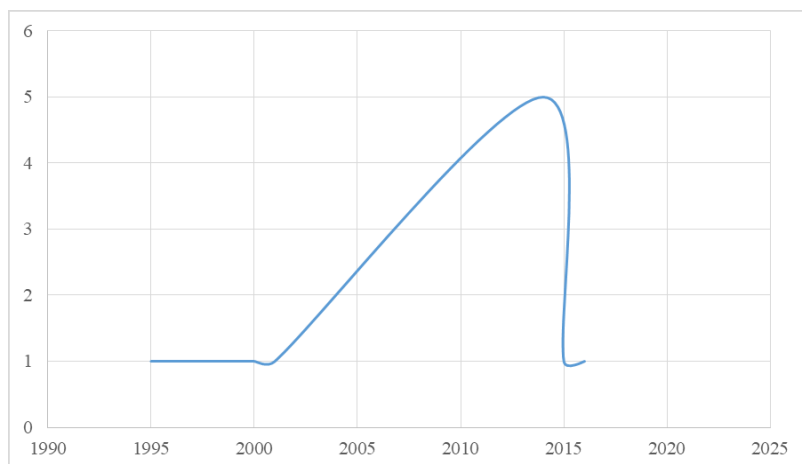
Em comparação com os trabalhadores das mídias militares, que são militares, os atuais jornalistas marciais na Ucrânia possuem trajetória civil (jornalística ou em outra área) e são incomparavelmente menos preparados para ficarem em uma zona de combate do que os oficiais das Forças Armadas. Isso aumenta os riscos desses jornalistas marciais de se ferirem ou serem mortos. A missão dos jornalistas marciais é multifacetada: realizar seus deveres profissionais requer que sejam sensíveis, cuidadosos e atenciosos não apenas em relação às ações dos oficiais das forças armadas e de sua moralidade, mas também em relação às ações das autoridades ucranianas, buscando entender o conflito em sua integralidade, analisando seu andamento, desenvolvimento e relevância. Para fazerem isso, os jornalistas marciais geralmente tentam mostrar os conflitos pelos olhares da população civil, da comunidade internacional, das autoridades e da população das Regiões Autônomas de Donetsk e Luhansk, bem como da Federação Russa.

O trabalho dos jornalistas marciais fica mais complicado por conta da natureza transicional geral da sociedade ucraniana, incapaz de ver as diferenças entre os fluxos de propaganda e de informação jornalística

(Herasyenko, 2018, pp. 6-7), pelo fato de o jornalismo ainda ser uma profissão jovem na Ucrânia, pela necessidade de se fazer a cobertura do primeiro conflito armado no território desde a sua independência recente, pela duração e complexidade de suas vicissitudes. Particularmente na Ucrânia, e de modo geral no mundo, cada vez mais freelancers e voluntários assumem essa difícil tarefa (Smyth, 2012, p. 56) sem se associarem a um meio ou publicação específicos, mas ingressando nesse tipo de trabalho por sua conta e risco. Entre eles, o nível de trauma físico e emocional é mais elevado do que nos demais trabalhadores da mídia.

O conflito marcial entre Ucrânia e Rússia é acompanhado por um forte aumento da violência contra jornalistas. “Em 2013-2014, durante a Revolução Ucraniana da Dignidade, pelo menos 206 jornalistas foram feridos em Kyiv¹, sobretudo porque foram percebidos como alvo” (Aleshchenko, 2007, p. 8). Em 2014, durante a fase ativa do conflito a leste da Ucrânia, cinco jornalistas morreram no território ucraniano exercendo suas atividades profissionais. Esse evento serviu de base para que o Comitê de Proteção dos Jornalistas (CPJ) incluísse a Ucrânia, junto com Síria, Iraque, Israel, Somália e Paquistão, na lista de países mais perigosos para se trabalhar em meios de comunicação (*Committee to Protect Journalists*, n.d.). De acordo com os resultados estatísticos postados pelo Comitê de Proteção dos Jornalistas, desde 1995, 13 jornalistas morreram: desse total, em oito casos os responsáveis foram condenados por assassinato; em cinco casos não houve punições.

Gráfico 1 – Jornalistas mortos na Ucrânia desde 1995.



Fonte: Comitê de Proteção dos Jornalistas.

De fato, o nível de ameaça contra jornalistas é bastante alto, não apenas em guerras, mas em várias situações de emergência. Guias de segurança para jornalistas incluem: avaliação do risco e medidas para reduzi-lo, um compreensivo plano de análise de proteção; profissionais de segurança e armas; violência sexual; tomada de reféns; resposta a ameaças. Tarefas jornalísticas de grande perigo incluem conflitos armados, crime organizado e corrupção, prisões, desordens civis, desastres naturais, epidemias e outras fontes de ameaça massiva à saúde. Especialistas reivindicam que: “Execuções de penas de morte, tiroteios, atentados terroristas, estupros, abuso sexual de crianças, violência doméstica, suicídio e intimidação – tudo isso pode provocar no repórter um intenso estresse” (Sosnovskaia, 2005, p. 56).

Devemos falar não apenas das ameaças físicas, mas também das psicológicas e do alto nível de estresse do trabalho do jornalista marcial. Entretanto, se a proteção da saúde mental do pessoal militar (e, com sorte, dos correspondentes de guerra) é uma prioridade para os especialistas (Sosnovskaia, 2005, p. 56), a questão do perfil psicológico (Suprun, 2009, p. 73) dos jornalistas marciais ainda não atraiu atenção de pesquisadores ucranianos.

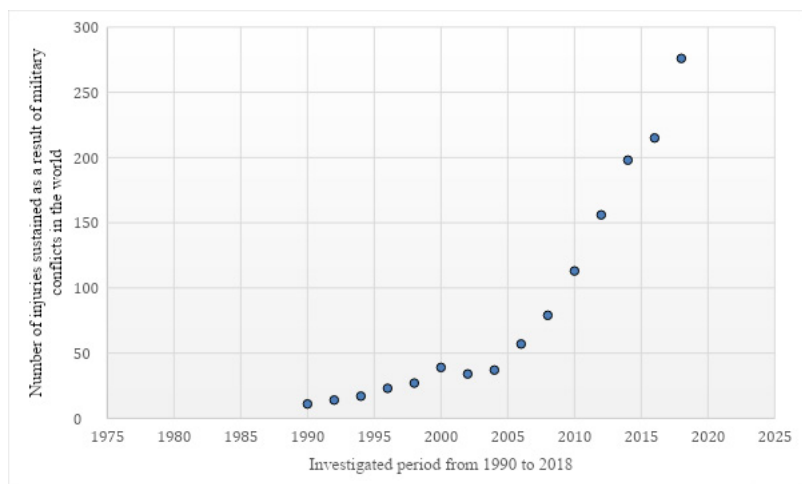
Nesse sentido, o objetivo do nosso artigo é determinar os aspectos psicológicos da atividade profissional dos jornalistas marciais.

É conhecido que pesquisadores ocidentais recentemente começaram a prestar atenção às especificidades psicológicas da profissão de jornalistas marciais. Eles argumentam que a história das guerras mais recentes, anteriores à Segunda Guerra Mundial (outras opiniões preferem apontar para a queda do Muro de Berlim, em 1989) (Foerstel, 2006, p. 25), eram incomparavelmente mais seguras para os jornalistas marciais. Eram conflitos entre países com fronteiras delimitadas e posições ideológicas. Por exemplo: o bloco político-militar dos países do Eixo e os seus aliados contrários à coalisão do Hitler, o bloco oriental liderado pela URSS contra o bloco ocidental liderado pela Otan e os Estados Unidos.

Contudo, a história recente das guerras foi particularmente marcada pela Guerra do Golfo (1990–1991) que deu origem ao conhecido “efeito CNN”, bem como a guerra global contra o terrorismo, iniciada não oficialmente em 11 de setembro de 2001 (Cottle et al., 2016, p. 2), representaram uma nova página, muito mais ameaçadora, para os jornalistas marciais. As guerras atuais são extraterritoriais, envolvendo, muitas vezes, mais do que duas partes envolvidas. Os combatentes nem sempre usam uniformes e não se distinguem muito

da população civil. Sob essas condições, a cobertura de guerra tem se tornado muito mais complexa e perigosa. Acima de tudo, cada vez mais jornalistas têm se tornado alvos de violência não intencional em guerras recentes. O Gráfico 2 nos mostra o crescimento dinâmico da violência contra jornalistas no mundo de 1990 a 2014. No total, cerca de 300 jornalistas marciais morreram durante os conflitos militares mundiais que eclodiram entre 1990 e 2018 (Cottle et al., 2016, p. 3). Essa tendência mostra que, como resultado de situações perigosas (e imprevisíveis em vários casos), a profissão de jornalista marcial não é só uma ameaça à saúde psicológica desse especialista, mas também uma ameaça à vida do jornalista.

Gráfico 2 – Crescimento mundial da violência contra os jornalistas marciais.



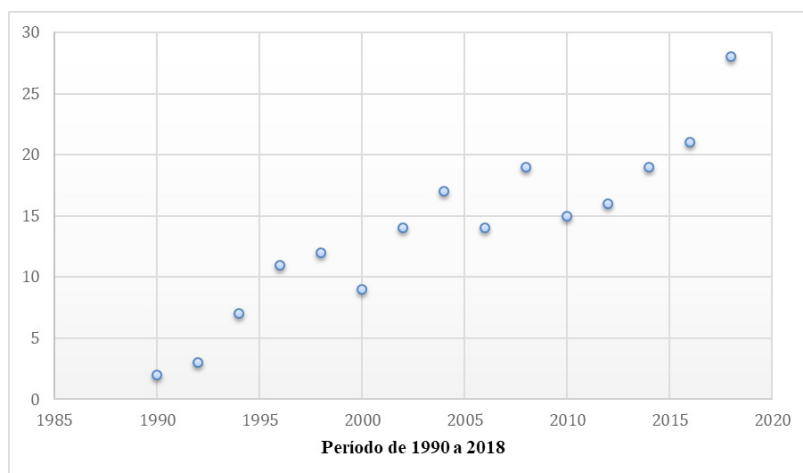
Fonte: os autores.

É possível entender quando um jornalista militar morre por fatores externos, que fogem ao controle, mas como justificar o número significativo de suicídios entre representantes do jornalismo marcial? O Gráfico 3 mostra o número de jornalistas (28) que cometeram suicídio no mundo entre 1990 e 2018. Essa tendência é particularmente significativa entre jornalistas marciais e que cobrem crimes.

O fim da carreira da repórter de TV norte-americana Christine Chubbuck é um exemplo do impacto tóxico de tópicos estressantes em jornalistas. Ela se suicidou ao vivo em uma emissão de TV em

1974. Além dos problemas psicológicos pessoais (baixa autoestima, falhas pessoais), é bastante provável que sua imersão na vida de desviantes sociais preparou-a para cometer efetivamente o ato. Vários anos antes, ela tinha se especializado na cobertura de crimes para a rede ABC: reportagens de brigas, assaltos, estupros, tiroteios nas ruas. Os executivos da TV constantemente pediam reportagens mais chocantes, sangrentas, argumentando que todos os espectadores eram, no fundo, sadistas e assassinos.

Gráfico 3 – Aumento do número de suicídios no mundo entre jornalistas militares e jornalistas que cobrem crime.



Fonte: os autores.

Além disso, o psiquiatra Frank Ochberg abriu caminho, no início dos anos 1990, a uma missão que deu origem ao Centro Dart para Jornalismo e Trauma, projeto conduzido pela Universidade da Columbia desde 2009; trata-se de uma instituição de referência tentando romper com a conspiração de silêncio em torno dos problemas psicológicos dos jornalistas que têm levado a eventos desastrosos e cenas de violência. Especialistas buscam superar a chamada cultura machista na redação, que desestimula os jornalistas de divulgarem suas desordens psicológicas, por medo ou desqualificação.

Estudos realizados sistematicamente desde o início dos anos 2000 mostraram que o escopo dos problemas psicológicos é, especificamente, inerente ao jornalismo marcial. Quase um terço das pessoas que atuam nessa especialidade tiveram consequências

psicológicas de trabalhar no campo das operações militares (Hight, 2004, p. 29). “Em um estudo conduzido pelos cientistas alemães Teigen e Grotwinkel nos Estados Unidos e na Europa em 2001, quase 15% dos jornalistas entrevistados mostram sinais de estresse extremo e doença mental” (Feinstein, 2006, p. 56). O nível de vulnerabilidade psicológica dos jornalistas marciais excede o de figuras correspondentes dentre oficiais de polícia e bombeiros, na medida em que se aproxima do nível de estresse usualmente vivenciado por veteranos de guerra (Feinstein et al., 2002, p. 159).

Desordens psicológicas de jornalistas que reportaram violência e desastres ocorrem sob três formas principais: re-experiência, hiperexcitação e negação ou torpor emocional. Após a situação de estresse, os jornalistas acabam várias vezes por reviver os eventos mentalmente. Eles se tornam irritadiços, nervosos, assustados ou perdem a habilidade de concentração. Por fim, a fadiga nervosa é expressada por meio da perda de interesse em relacionamentos sociais, reclusão ou indiferença com o mundo exterior (Matviiets, 2017, p. 44).

Os distúrbios emocionais associados a essas emoções, conhecidos como transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), são caracterizados pela impossibilidade de superar a situação, de esquecer a experiência negativa de estar em uma zona de combate ou, menos frequentemente, de trabalhar com lembranças, especialmente audiovisuais, de desastres e crimes de guerra.

Pesquisadores classificam os jornalistas que cobrem conflitos militares como grupos sociais com maior probabilidade de sofrerem essas desordens psicológicas (Javidi & Yadollahie, 2012, pp. 8-10). Contudo, o peso e o significado desse tipo de estresse são frequentemente subestimados no caso dos jornalistas, em contraste com outras profissões de risco (Matviiets, 2017, p. 26). Tais transtornos podem incluir jornalistas se culpando por terem visto injustiças evidentes e crimes, mas não terem tido o direito (ou a habilidade) de intervir (Simpson & Boggs, 1999).

A essência do estado psicológico do jornalista marcial é descrita como trauma (potencial). Além de TEPT, também é esperado o desenvolvimento de depressão (Browne et al., 2012), bem como a perda de compaixão (Backholm & Björkqvist, 2012, p. 5).

Dos vinte e um sintomas do Inventário de Depressão do Becke, aqueles que são reportados mais frequentemente por grupos de [jornalistas de] guerra [marciais] incluem tristeza, percepção de uma falha passada, perda de prazer, mudança no padrão de sono, irritabilidade, e perda de interesse sexual. Pessimismo,

agitação e mudança de apetite também foram reportados, embora com menos frequência. (Gretchen, p. 2011).

Frequentemente, os jornalistas reduzem o estresse fumando tabaco, ingerindo bebidas alcoólicas, com intensidade e dose variadas, e consumindo drogas de diferentes severidades, da *cannabis* à cocaína (Feinstein & Nicolson, 2005, pp.129–132).

Não apenas os jornalistas marciais sofrem, mas também quem está próximo deles. TEPT causa conflitos com colegas e autoridades, mas aqueles que sofrem mais são os parentes. Metade dos jornalistas marciais entrevistados é solteiro ou divorciado (Frank & Perigoe, 2009, p.36). Algumas formas extremas de estados de distúrbios psicológicos que afetam os jornalistas são: choro, raiva, fúria, frustração, ódio e amor.

A situação se torna ainda pior se o jornalista marcial foi influenciado por pais divorciados ou negligentes ao decidir escolher essa carreira: um pai militar que não prestou atenção suficiente à sua família e à comunicação com os filhos, com a conseqüente inabilidade da pessoa jovem de se adaptar ao ambiente. Superar essa condição frequentemente requer não apenas assistência psicológica, mas também ajuda médica. Colegas também desempenham um papel importante nesse processo (Woehrlin, 1971, p.17).

Apesar desses fatores, cada vez mais jornalistas desejam cobrir atos de violência e desastre, na medida em que consideram essa cobertura uma missão importante que desperta a consciência pública, empodera governos e sociedades para influenciar conflitos e idealmente impacta na compreensão mútua ente os povos.

2 Metodologia do estudo

Para cumprir com nosso objetivo, utilizamos um conjunto de métodos científicos. A combinação de indução, dedução e métodos de analogia nos permitiu substanciar o tema da pesquisa e desenhar conclusões gerais baseadas na coleta de fatos sobre os jornalistas marciais na Ucrânia. O método de classificação nos ajudou a estabelecer conexões e padrões entre o aspecto psicológico da personalidade dos jornalistas e o jornalismo marcial. A compreensão direta da influência do jornalismo marcial na personalidade desses jornalistas foi obtida por meio de um questionário elaborado para captar o retrato psicológico moderno do jornalista marcial.

Para construir esse retrato, uma enquete especial foi conduzida, o que nos permitiu, baseados nos dados obtidos, construir um verdadeiro retrato psicológico da personalidade dos jornalistas marciais. Quarenta e três jornalistas (domésticos e estrangeiros diretamente envolvidos no campo do jornalismo marcial) fizeram parte da *survey*, particularmente aqueles que cobriram eventos em zonas de conflito e zonas de guerra. Nesse sentido, o *background* dos respondentes foi o seguinte: 34 jornalistas marciais da Ucrânia, trabalhando em zonas de combate nas regiões de Donetsk e Luhansk de 2014 a 2019 (18 deles eram jornalistas formados, que tinham se envolvido com jornalismo convencional antes da guerra); nove eram militares que, por conta das circunstâncias, foram forçados a transmitir à mídia informações sobre o andamento da guerra; três civis e nunca tinham se envolvido com a mídia mas, desde a eclosão das hostilidades, tornaram-se ativamente envolvidos na troca de informações entre unidades militares e civis diretamente envolvidos no evento e residentes da zona guerra. De fato, apenas dois respondentes tinham especialização em treino militar e trabalhavam como jornalistas marciais no serviço; nove entrevistados eram jornalistas marciais que trabalham ou tinham trabalhado antes em zonas de conflito no exterior e tinham cinco anos de experiência na coleta de informação.

Para identificar o aspecto psicológico (o principal componente do perfil psicológico) da personalidade do jornalista marcial, nos inspiramos em dados de diferentes questionários, como o questionário de personalidade multifatorial *Freiburg Personality Inventory* (FPI), que estabeleceu as características psicológicas básicas que cada jornalista militar deveria ter em virtude da sua profissão. Com base no questionário de T. Leary, diagnosticamos as relações interpessoais e as peculiaridades individuais da interação entre cada um/a dos jornalistas marciais entrevistados/as e seus/suas colegas e entorno. Também determinamos os componentes do aspecto psicológico do atual jornalista marcial que emerge desse tipo de teste interativo.

A *survey* experimental foi conduzida em quatro estágios. O primeiro (2017) determinou a relevância e a formulação do problema e das tarefas ligados aos objetivos de pesquisa, abordagem teórica e metodológica e o seu objeto e tema, a análise das fontes científicas ucranianas e estrangeiras sobre o tema do jornalismo militar e marcial. O segundo estágio (2018) consistiu no estabelecimento de contato com os jornalistas marciais disponíveis e a realização de entrevistas com eles. O terceiro estágio se concentrou na análise geral com base

no referencial e metodológico, a verificação das unidades básicas do retrato psicológico dos jornalistas marciais a partir do processamento e análise dos resultados do estudo, na formulação de conclusões teóricas e recomendações práticas. O uso do método da síntese também ajudou a sintetizar a informação científica e confirmar os estudos experimentais com base no componente teórico.

3 Principais resultados do estudo

De acordo com os resultados do estudo, os jornalistas marciais entrevistados têm sido afetados por:

- forte laço entre informação negativa e estado emocional: em vários casos, após a preparação do relatório, um jornalista militar estava carregado de emoções negativas (irritação, tristeza, nervosismo) que transbordavam ou saturavam; R = 87% dos respondentes mencionaram esse aspecto;

- impacto de suas condições de trabalho (condições de campo) em suas condições físicas, a dizer: dificuldades de conseguir descansar após reportar ou escrever matérias sobre sacrifícios humanos ou crueldade. R = 81% responderam positivamente a isso;

- falta de desejo em manter novos relacionamentos com colegas ou outras pessoas por conta da constante circulação de relatos sobre o número de militares ou de soldados marciais e de outras pessoas mortas, do sofrimento constante e da morte de civis como resultado das lutas em seus territórios. R = 79% reportam esse tipo de resultado. Além disso, um dos jornalistas marciais entrevistados escreveu o seguinte em seu questionário: “Ao preparar relatos particularmente difíceis sobre a morte de militares ou civis, eu começo a me preocupar com a minha família. Como consequência, começo a controlá-los em excesso com ligações frequentes. Eu constantemente pergunto à minha esposa onde estão as crianças, o que estão fazendo, se ela ensinou a eles como lidar adequadamente com situações de crises, e por aí vai. Essa excitação torna-se uma obsessão em relação à minha família em perigo”.

R = 91% daqueles que têm mais de dois anos de experiência de trabalho reportaram instabilidade no controle de suas emoções.

Ao mesmo tempo, R = 61% dos respondentes com mais de dois anos de experiência de trabalho indicaram que começaram a expressar emoções como: piedade, compaixão e compreensão em relação ao sofrimento de seus vizinhos e desejo de mitigar sua dor. A razão para esse estado moral é a grande quantidade de contato com a crueldade humana e crime. De acordo com um dos respondentes: “Minha primeira publicação causou-me um desejo de punir aqueles que traziam dor e sofrimento para as pessoas, para ajudar quem sofre inocentemente, mas me dei conta de que não poderei ajudar todo mundo e que o meu trabalho é escrever sobre a guerra e os seus crimes, e, com o tempo, a piedade e a simpatia desaparecerem”. Esse é o caso de R = 41% dos questionados.

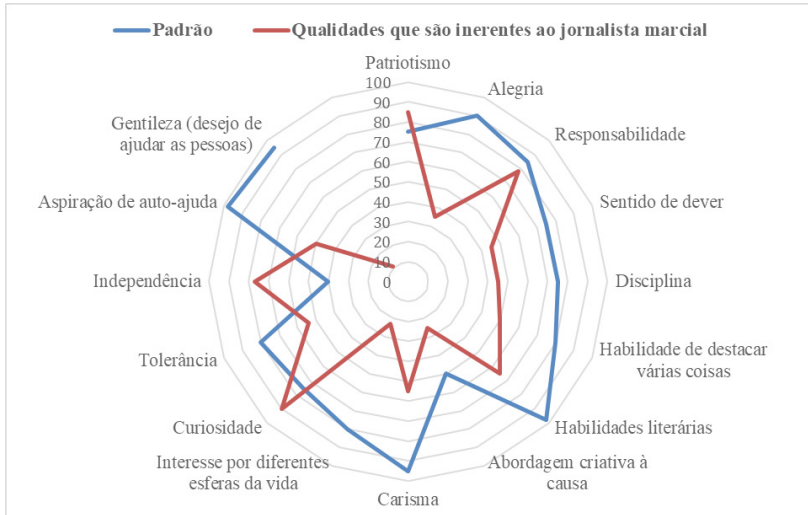
Esses resultados indicam que a personalidade do jornalista marcial é bastante deprimida, inclinada a constantes flutuações emocionais, aborrecida e emocionalmente instável em questões ligadas à construção de relacionamentos com parentes, amigos e colegas.

De acordo com os resultados do teste de personalidade, é importante prestar atenção às manifestações agressivas dos jornalistas marciais contra si próprios. À pergunta “Você tem desejos de atacar alguém quando está aborrecido?”, 13% dos respondentes responderam positivamente, embora nunca tenham cometido esse ato. E com relação à pergunta: “Você tem vontade de se matar por conta desse mundo cruel nos momentos em que está muito triste/deprimido?”, 92% concordaram (dentre os que tinham pelo menos um ano de experiência de trabalho).

Consequentemente, como resultado de análise compreensiva do componente psicológico da “agressão”, ficou estabelecido que o jornalista marcial é capaz de comportamento agressivo contra os outros em situações de estresse, mas que estão sozinhos em momentos de crise, quando a influência do estresse atinge o seu ápice.

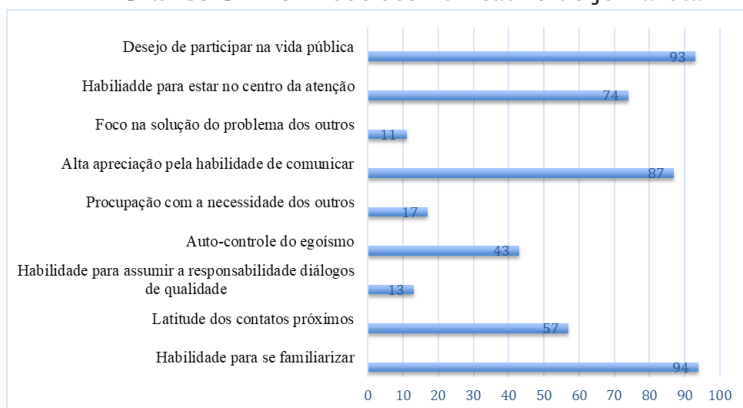
Além disso, os resultados processados do questionário de personalidade multifatorial de Freiburg resultaram em um perfil geral da personalidade do jornalista marcial, o que inclui os componentes principais da personalidade do jornalista militar enquanto um especialista no seu campo de atuação.

Gráfico 4 – Perfil psicológico do jornalista marcial como especialista.



Fonte: os autores.

No Gráfico 4, fica evidente que algumas qualidades da humanidade, como gentileza, desejo de ajudar os outros e vivacidade tiveram as menores porcentagens. É bem provável que isso seja resultado do fato de que, todos os dias, o jornalista marcial seja exposto a qualidades opostas. Compaixão geralmente é substituída por crueldade, assassinato e injustiça; o lugar da alegria é ocupado por emoções negativas, geradas por fatores não naturais (dentre eles, agressão). Baseado nos resultados da aplicação do questionário de T. Leary (Gráfico 5), um perfil sociocomunicativo do jornalista militar, que reflète a porcentagem de interações com os outros, foi produzido.

Gráfico 5 – Perfil sociocomunicativo do jornalista militar.

Fonte: os autores.

De acordo com os resultados da pesquisa (Gráfico 5), a maioria dos jornalistas marciais está interessada em questões da sociedade e deseja participar da sua transformação em algo melhor. Eles são capazes de conhecer novas pessoas com o objetivo de obter informações úteis e apreciam especialmente a habilidade dos entrevistados de se comunicar. Os aspectos negativos da comunicação interna e externa dos jornalistas marciais estão relacionados à falta de atenção às necessidades das pessoas que os cercam, bem como a falta de habilidade em assumir a responsabilidade por um diálogo de qualidade que não tenha relação com o seu trabalho, algo que acontece nos seus círculos de amizade ou familiar. Além disso, apenas 17% dos respondentes indicaram que prestam atenção de forma descompromissada às necessidades dos outros.

Um teste especial de interação foi feito especificamente para estabelecer os componentes do aspecto psicológico da personalidade dos jornalistas marciais. Ele consistiu em 90 declarações (expressões) agrupadas em três posições – cada uma com 30 declarações. Em cada posição, o respondente podia escolher uma declaração que, de acordo com a sua opinião, refletia a essência da sua profissão.

Por exemplo, uma declaração foi elaborada da seguinte forma: “A profissão de jornalista militar afeta minha saúde psicológica a. positivamente; b. negativamente; c. não afeta”. Como resultado, 86% dos respondentes afirmaram que a profissão era prejudicial à saúde psicológica. A seguinte afirmação foi feita como uma pergunta de controle. “Violência e histórias de guerra afetam você como autor? a. afetam fortemente; b. não afetam; c. em alguns momentos me causam profunda ansiedade. A opção “c” foi marcada por 100% dos respondentes.

É interessante notar que cada bloco de declarações continha componentes negativos, positivos e neutros da profissão de jornalista marcial. Assim, após o processamento dos resultados do questionário interativo, foi estabelecido que: 12 marcaram aspectos positivos da atividade (Figura 1); 24, de um total de 43 declarações receberam uma apreciação negativa dos respondentes (Figura 2); e apenas sete continuaram neutros no que diz respeito à escolha da profissão de jornalista marcial. É interessante notar que os 24 respondentes que marcaram os componentes mais negativos de sua profissão tinham quatro anos de experiência; 12 respondentes que escolheram traços mais positivos da profissão não tinham mais que três anos de experiência; as sete marcações de caráter neutro (“Não escolho nenhuma variante”) foram feitas por respondentes que tinham menos de um ano de experiência, apenas um deles tinha 2,5 anos. Assim, a Figura 1 mostra os aspectos mais positivos da profissão de jornalista marcial.

Como resultado, é possível fazer a seguinte declaração: quanto maior a experiência do jornalista em conflito militar, mais ela/ele começa a ver os aspectos negativos da sua escolha profissional.

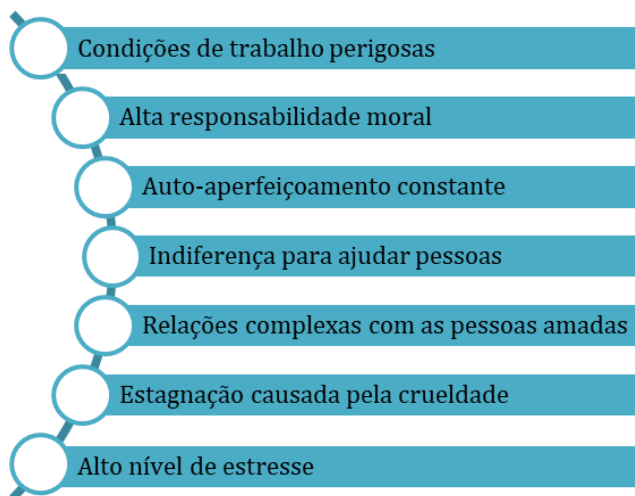
Figura 1 – Componentes positivos da profissão de jornalista marcial.



Fonte: os autores.

É difícil negar que a profissão de jornalista marcial, apesar dos aspectos negativos, não tenha qualidades positivas. Um dos recursos dessa profissão é a comunicação constante desse especialista (por meio da mídia) com a comunidade. São os trabalhadores da mídia, e não os historiadores, que estão formatando, em tempo real, a consciência de indivíduos, de uma nação, de todo o mundo, por conta de pequenas publicações importantes e necessárias a todos que estejam interessados ou envolvidos em conflitos militares. Mas, considerando todo o espectro positivo da profissão de jornalista marcial, observamos uma perigosa tendência equivalente, causada pelas nuances negativas da profissão. Estresse extremo e condições difíceis de trabalho levam ao fato de que, cada vez mais, jornalistas marciais estão perto de uma pane psicológica, o que pode a qualquer momento levar a consequências fatais.

Figura 2 – Componentes negativos do perfil do jornalista marcial.



Fonte: os autores.

Uma das amostras desse componente negativo foi o item “autoaperfeiçoamento constante”. Isso significa que, via de regra, um jornalista marcial não pode saber como os eventos vão se desenvolver, nem a melhor forma de apresentar informações objetivas, ou ocupar a primeira página da edição de um jornal ucraniano (ou estrangeiro)

conhecido. Trata-se de uma tarefa bastante difícil, pois a competição entre jornalistas marciais é bem acirrada. Por exemplo, vários jornalistas marciais atuam em um mesmo território onde operações de combate acontecem. E o autoaperfeiçoamento constante em relação à produção de textos requer que os jornalistas marciais trabalhem em uma competição acirrada, acompanhada por condições de trabalho extremamente difíceis.

O conflito militar a leste da Ucrânia tem durado mais do que outros conflitos que aconteceram nesse país no século XX. Felizmente, o número de causalidades entre militares e civis no conflito atual é bem menor que em guerras anteriores ocorridas nesses territórios. De acordo com os achados de Timothy Snyder (Snyder, 2012), entre 1933–1945, a Ucrânia foi o lugar mais perigoso do planeta. Nela e nos territórios adjacentes envolvidos nesse conflito marcial, 12 milhões de pessoas foram mortas em 12 anos. Ao mesmo tempo, a ONU estimou que, desde 2014, 13 mil pessoas foram mortas e outras 30 mil feridas por conta do conflito marcial a leste da Ucrânia, e que as principais perdas ocorreram por conta da destruição de infraestrutura (custos estimados em US\$ 50 bilhões) e US\$ 1,2 bilhão por conta de migrantes. Ao mesmo tempo, as operações militares cobriram pelo menos 10% do território do país.

O doutor em Comunicação Social Alexander Kurban (ucraniano especialista no campo da informação sobre armamento de guerra durante a guerra híbrida) afirma que, no início do conflito, a Ucrânia não tinha perdido ou ganhado a guerra híbrida com a Federação Russa (Ponomarenko, 2019). De acordo com ele, a Ucrânia simplesmente não participou da guerra. Suas tentativas de repelir, particularmente no campo da informação, apenas começaram quando ficou claro quem iniciou a agressão. A tarefa mínima sob essas condições – conflito de longa duração, reação fraca da Ucrânia em relação à pressão da propaganda russa – é informar a população ucraniana e, em seguida, o mundo, sobre o status da evolução dos eventos do conflito militar em Donbas. Isso cria uma demanda do público por dois tipos de trabalhadores da mídia: jornalistas militares e marciais.

Por isso, ao trabalhar nessas condições, os jornalistas ucranianos e outros que trabalham em pontos de tensão constantemente informam a população com notícias negativas e, ao longo do tempo, tornam-se indiferentes às pessoas à sua volta. Isso leva a uma relação tensa com parentes que nem sempre entendem as causas do estado depressivo das

peças que professam o jornalismo marcial. Além disso, as condições tensas de trabalho forçam esses jornalistas a se submeterem a pressões morais e psicológicas constantes, o que pode ser expressado por meio de ações agressivas contra os outros e contra eles mesmos.

4 Conclusões

A profissão de jornalista marcial é e continua sendo uma das mais perigosas do mundo, e isso traz ameaças à saúde psicológica e física dos especialistas dos meios de comunicação que não estão prontos para enfrentar hostilidades reais. Mais uma vez, enfatizamos o que distingue esses dois profissionais da mídia. Um jornalista militar é um promotor da Ucrânia, um oficial que representa as Forças Armadas daquele país; um jornalista marcial é um representante do público, da sociedade e da esfera midiática, e que deveria procurar oferecer um painel não enviesado da arena de hostilidades. Os sérios desafios para os jovens jornalistas ucranianos são a novidade da situação de conflito, a necessidade de cobertura de uma violência militar que ocorre em seu território, e a falta de requisitos para o exercício da profissão de jornalista.

As forças de extrema direita na sociedade ucraniana – os círculos nacionalistas, mesmo sob o mandato de Poroshenko, mantiveram um alto nível de atividades de protesto – demandam união de todos os recursos, incluindo os informacionais, para mobilizar a Ucrânia contra a agressão russa no leste do país. Do ponto de vista da extrema-direita, um conflito militar é a realidade, e a recusa de Poroshenko de chamá-lo de guerra, é uma sofisticação verbal, um atentado para esconder a verdade. Por isso, a mídia ucraniana não deveria adotar a objetividade. Sua principal meta é, como parte do país, trabalhar por sua vitória contra o vizinho do norte. Tais extremos ideológicos desafiam os jornalistas ucranianos, que só mais recentemente começaram a seguir os padrões da mídia ocidental. No Ocidente, esses padrões também não podem se resumir a um único tipo, se considerarmos o crescente viés autoritativo da mídia em questões de ativismo (campanhas públicas pela tolerância da comunidade LGBT, por exemplo) ou de propaganda (um caso relevante foi a promoção exercida por renomados meios de comunicação ocidentais da candidatura de Hillary Clinton para a presidência dos Estados Unidos em 2016).

Na cobertura do conflito de Donbas, observa-se que a pressão moral provocada pelas cenas de violência é acompanhada por uma confusão moral dos jornalistas. Incompreensões sobre as regras do jogo, alegações sobre a corrupção dos “contratantes” das partes envolvidas na guerra, extrema subjetividade das testemunhas oculares do conflito, especialmente entre a população civil, evidência de simetria nos métodos da ação militar dos dois lados, incluindo o uso da população civil como escudo humano e alvo potencial, provocam nos jornalistas marciais, cuja maioria não recebeu nenhum treinamento específico para essas atividades, um número de desordens psicológicas, que possuem vários traços em comum com transtorno de estresse pós-traumático (TEPT).

Os problemas internos de tais especialistas são acompanhados de perigos externos. A história ucraniana após a Euromaidan² tem mostrado um forte aumento da violência contra jornalistas. E fora de Donbas, os jornalistas ucranianos são intimidados, pressionados, submetidos a tentativas de suborno ou difamados, submetidos à violência física ou tentativas de assassinato, o que em alguns casos pode resultar na morte de empregados da mídia (basta lembrar o famoso assassinato do jornalista de TV Pavlo Sheremet, 20 de junho de 2016, em Kyiv).

As histórias de vida dos repórteres militares ucranianos mais uma vez enfatizam o quanto são prejudicados pela profissão de “jornalistas de guerra”. Por exemplo, Roman Sushchenko, em 30 de setembro de 2016, foi detido pelo FSB, serviço secreto russo, sob a acusação de espionagem em favor da Ucrânia. Em 4 de junho de 2018, um tribunal de Moscou anunciou sua sentença. Ele foi condenado a uma pena de 12 anos em colônia de alta segurança. Stanislav Aseev (Vasin) foi preso em 2014 e sentenciado por um tribunal russo a 20 anos de prisão. Stanislav Klich, jornalista capturado por membros do movimento separatista República Popular de Donetsk, em junho de 2017, foi sentenciado a 12 anos de prisão. Mykola Semena, jornalista da Crimeia, foi acusado em 2016 por violação da integridade da Federação Russa e sentenciado a dois anos e meio de liberdade condicional.

Buscar entender esses desafios foi o que motivou os autores deste artigo a apelarem à experiência mundial em treinamento psicológico de jornalistas marciais para a realização de tarefas profissionais, bem como sua reabilitação de distúrbios potenciais. Os dados analisados mostraram que o padrão de carga psicológica nessa profissão é uma tendência global. De acordo com o grau de aflição psicológica, eles se aproximam das pessoas que participam da guerra. As memórias que os assombram

por terem visto os horrores da guerra impedem que esses jornalistas se concentrem no presente. Tais especialistas parecem estar presos no passado, sofrendo de experiências cíclicas de antigos crimes de guerra. Seus colegas sofrem. Mas, sobretudo, sofrem seus parentes e pessoas amadas. O uso de tranquilizantes químicos como álcool e drogas só deixam o problema pior. O estudo que conduzimos do retrato psicológico desses especialistas consistiu em uma *survey* de quatro etapas com 43 jornalistas marciais que trabalham na zona de conflito de Donbas. Durante o estudo, os autores usaram dados do jornal de pesquisa especializado *Freiburg Multifactor Personal Questionnaire*, informações do questionário de Timothy Leary e os resultados de um teste.

Os resultados mostram que a personalidade do jornalista marcial é bastante deprimida, sujeita a constantes flutuações emocionais, raivosa e emocionalmente instável no que diz respeito à construção de relacionamentos com parentes, amigos e colegas. Um jornalista marcial pode mostrar agressão em outras situações de estresse, mas, em tempos de crise, o maior pico de influência do estresse recai sob ele mesmo.

A replicação diária de informação destrutiva leva a sérias desordens psicológicas que destroem o ciclo familiar do jornalista marcial. A *survey* mostrou o afrouxamento da inteligência social desse jornalista, a falta, mesmo junto a pessoas que ele estima, da habilidade de começar um diálogo com os outros e de cuidar de suas necessidades para além de suas responsabilidades profissionais.

Os dados também revelaram os perigosos níveis de tensão psicológica desses especialistas, sua inabilidade de aliviar o estresse de forma construtiva e segura (idealmente saudável). Sentimentos de gentileza e o desejo pelo bem dos outros são gradativamente substituídos por depressão, frustração e perseguição, na medida em que o monitoramento constante das ações brutais de pessoas nas zonas de conflito destrói o mundo íntimo do jornalista marcial.

Apesar do fato desse estudo mostrar que a profissão de jornalista marcial é perigosa para a saúde psicológica e física de seus praticantes na Ucrânia, haverá uma grande demanda por eles nos próximos anos. O estresse da profissão, bem como a ameaça de um clima psicológico negativo e contra a união familiar desses profissionais, traz consigo a necessidade de cultivar as tradições familiares e de estabelecer interações construtivas entre a família do jornalista marcial e o seu ambiente profissional. Colegas deveriam prover esse jornalista e sua família de conhecimentos, competências

e instalações para um alívio psicológico, e a família deveria se preparar para possíveis manifestações de TEPT e buscar ajuda externa e qualificada de especialistas, no lugar de se limitar aos seus esforços amadores, uma falha nesse processo pode colocar em risco a unidade familiar, os interesses dos filhos e a habilidade continuada do/a jornalista militar de lidar com as manifestações negativas da sua profissão.

NOTAS

- 1 Neste artigo, o nome da capital da Ucrânia é mantido em sua escrita original em ucraniano, 'Kyiv'. Não será usado, portanto, o nome 'Kiev', uma tradução russa (Nota do tradutor).
- 2 Termo usado para designar a onda de protestos, que ocorrem entre 2013 e 2014 na praça da Liberdade (Maidan), em Kyiv, contra a recusa do Governo ucraniano em assinar um acordo de associação com a União Europeia – reforçando suas relações com a Rússia. Os protestos levaram à destituição do presidente Viktor Yanukovich e a convocação de novas eleições. A revolução foi seguida por distúrbios pró-russos em algumas regiões do sudeste da Ucrânia e um impasse com a Rússia sobre a anexação da Crimeia e Sevastopol, e uma guerra entre o governo e separatistas no Donbas apoiados pela Rússia (NT).

REFERÊNCIAS

Aleshchenko, V., Safin, O., & Potapchuk, Ye. (2007). *Orhanizatsiia zabezpechennia zberezhennia psykhichnoho zdorovia viiskovosluzhbovtiv*. Kyiv: Ranok.

Backholm, K., & Björkqvist, K. (2012). The mediating effect of depression between exposure to potentially traumatic events and PTSD in news journalists. *European Journal of Psychotraumatology*, 3(1). DOI: 10.3402/ejpt.v3i0.18388

Browne, T., Evangeli, M., & Greenberg, N. (2012). Trauma-related guilt and posttraumatic stress among journalists. *Journal of Traumatic Stress*, 25, 207-210. DOI: 10.1002/jts.21678

Committee to Protect Journalists – Defending Journalists Worldwide. (n.d.). Recuperado de <https://cpj.org/>

Cottle, S., Sambrook, R., & Mosdell, N. (2016). *Reporting dangerously: journalist killings, intimidation and security*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

Feinstein, A. (2006). *Journalists under fire: the psychological hazards of covering war*. Maryland: The Johns Hopkins University Press.

Feinstein, A., & Nicolson, D. (2005). Embedded journalists in the Iraq war: Are they at greater psychological risk? *Journal of Traumatic Stress*, 18(2), 129–132. DOI: 10.1002/jts.20020

Feinstein, A., Owen, J., & Blair, N. (2002). A hazardous profession: war, journalists, and psychopathology. *American Journal of Psychiatry*, 159(9), 1570–1575. DOI: 10.1176/appi.ajp.159.9.1570

Foerstel, H. (2006). *Killing the messenger: journalists at risk in modern warfare*. Annotated edition edition, Westport: Praeger.

Frank, M. R., & Perigoe, R. (2009). Informed mutual support: options on violence and trauma from the perspective of the journalist. *Canadian Journal of Media Studies*, 5(1), 1-23.

Gretchen, D. (2011). Factors contributing to PTSD and compassion fatigue in television news workers. *International Journal of Business, Humanities and Technology*, 1(1), 22–32. Recuperado de www.ijbhtnet.com/journals/Vol._1_No.1_July_2011/3.pdf

Herasymenko, M. (2018). *Navchalnyi posibnyk z natsionalno-patriotychnoi pidhotovky osobovoho skladu Zbroinykh Syl Ukrainy na 2018 navchalnyi rik*. Kyiv: Naukovo-doslidnyi tsentr humanitarnykh problem Zbroinykh Syl Ukrainy. Recuperado de <http://www.hups.mil.gov.ua/assets/uploads/library/nadhodzhennya/january-march-2018/28.pdf>

Hight, J. (2004). *Tragedies & journalists: a guide for more effective coverage*. New York City: Dart Center for Journalism & Trauma.

Javidi, H., & Yadollahie, M. (2012). Post-traumatic stress disorder. *The International Journal of Occupational and Environmental Medicine*, 3(1), 2–9. Recuperado de www.theijoem.com/ijoem/index.php/ijoem/article/view/127

Kost, S. (2016). *Zhurnalistyka i viina*. Lviv: Lvivskyi natsionalnyi universytet imeni Ivana Franka.

Kurban, O. (2016). *Suchasni informatsiini viiny v merezhevomu on-lain prostori*. Kyiv: Viiskovyi instytut Kyivskoho natsionalnoho universytetu imeni Tarasa Shevchenka.

Matviiets, L. (2017). Orhanizatsiia ta monitorynh svoiechasnoho nadannia medykopsykhologichnoi dopomohy na pervynnomu rivni pry hostrykh ta posttravmatychnykh stresovykh rozladakh. *Simeina medytsyna*, 2, 6-10.

Minochkin, A. (2006). *Informatsiina bezpeka suchasnoho suspilstva*. Kyiv: Kyivskiy politekhnichnyi instytut.

Ponomarenko, I. (2019, Jan. 22). *United Nations: 13,000 killed, 30,000 injured in Donbas since 2014*. Kyiv Post. Recuperado de www.kyivpost.com/ukraine-politics/united-nations-13000-killed-30000-injured-in-donbas-since-2014.html

Simpson, R. A., & Boggs, J. G. (1999). An Exploratory Study of Traumatic Stress among Newspaper Journalists. *Journalism & Communication Monographs*, 1(1), 1–26. doi: 10.1177/152263799900100102

Smyth, F. (2012). *Journalist security guide. Covering the news in a dangerous and changing world*. New York City: Committee to Protect Journalists.

Snyder, T. (2012). *Bloodlands: Europe between Hitler and Stalin*. Basic Books.

Suprun, L. (2009). Sotsialno-psykholohichni i mentalnyi portret zhurnalista. *Zhurnalistyka*, 8(33), 59-67.

TCH (2018, Fev 16). V Ukraini zapochatkovano Den viiskovoho zhurnalista. Recuperado de <https://tsn.ua/ato/v-ukrayini-zapochatkovano-den-viyskovogo-zhurnalista-1111155.html>

Woehrlin, W. (1971). *Chernyshevskii: the man and the journalist*. Cambridge: Harvard University Press.

Zharkov, Ya. (2008). *Informatsiina bezpeka osobystosti, suspilstva, derzhavy*. Kyiv: Vydavnychi tsestr Kyivskiyi universytet.

Zharkov, Ya. (2012). *Istoriia informatsiino-psykholohichnoho protyborstva*. Kyiv: Sluzhba bezpeky Ukrainy.

MAKSYM BALAKLYTSKYI. Doutor em Comunicação Social, professor do Departamento de Jornalismo na V.N.Karazin Kharkiv National University. E-mail: m.balaklytskyi@karazin.ua

VALENTYNA KURYLIAK. Doutora, professora do Departamento de Cibernética Econômica, Finanças e Gestão da Ukrainian Institute of Arts and Sciences. E-mail: dek.den@ugi.edu.ua